

No terceiro período continua a importância dos estudos realizados no Museu Nacional. Ao mesmo tempo, aumenta, porém, o número de trabalhos provenientes de outros centros de pesquisa. O ensino da antropologia se torna oficial com a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

Bastos d'Ávila, durante muitos anos professor do Museu Nacional, é um dos primeiros no Brasil a tratar fatos biométricos com recurso ao método estatístico. Publicou vários estudos sobre o desenvolvimento físico de escolares brasileiros.

Em São Paulo, os discípulos de Bovero (Renato Lccchi, Odorico Machado de Souza) prosseguem nas investigações de anatomia comparativa; ao interesse pela determinação de tipos raciais sobrepõe-se, porém, a preocupação pelos problemas de constituição e de classificação de tipos morfológicos. Ettore Biocca e Emilio Willems fazem estudos de antropometria indígena, enquanto F. Ottensooser e outros publicam trabalhos de hematologia racial.

Abundante bibliografia e um índice de assuntos aumentam a utilidade do ensaio de Castro Faria.

Egon Schaden

F. OTTENSOSER e R. PASQUALIN: Tipos sanguíneos de índios de Mato Grosso. Separata de **O Hospital**, págs. 73-79. Rio de Janeiro, 1950.

Trata-se de estudo feito com material colhido pelo Dr. Ernani Martins da Silva, que visitou os Caiuá e Bororo em 1947. Esses índios são em grande maioria puros. Na pesquisa, os mestiços foram afastados. O método de colheita do sangue foi a punção digital. As pesquisas foram feitas em São Paulo, de 3 a 6 dias após a colheita, empregando-se soros norte-americanos e do Laboratório Paulista de Biologia.

Pesquisas em 237 Caiuá e 119 Bororo revelaram o tipo O para a totalidade, de acordo, aliás, com a característica ameríndia de doadores universais. Nos índios norte-americanos, a percentagem de tipo O atinge a 70% e nos sulamericanos até 100%, como no caso presente.

Quanto aos fatores M e N, foram encontrados, em 134 Caiuá, 79,9% M; 0,7% N e 19,9% MN. Também esses resultados comprovam a já verificada incidência predominante dos fatores M nas populações ameríndias. Os resultados encontrados em Mato Grosso não importantes, porque dão a maior percentagem encontrada para índios e a segunda na estatística mundial. Na determinação do fator Rh, de 173 Caiuá e 103 Bororo, eram todos Rh positivos, apresentando, segundo os tipos de Rh, a distribuição seguinte: Rh₀ - 0%; Rh₁ - 22,7%; Rh₂ - 19,3%; Rh₁ Rh₂ - 58%.

A análise gênica feita através dos tipos Rh revelou uma soma R₁ + R₂ inferior a 100%, porque apareceu o fator R_z. A ausência do fator Rh₀ em todos os índios pesquisados impugna a hipótese de "cross-over", aventada por Fischer como explicação para a troca de gens elementares com o cromosoma homólogo e, assim, para a origem dos fatores R_z e R₀ pelos cromosomas R₁ e R₂. Vimos que isso não se verificou nos índios de Mato Grosso.

Aumenta com o progresso da sorologia a sua importância para os estudos antropológicos. A distribuição espacial das raças coincide em linhas gerais com a distribuição geográfica dos tipos sanguíneos. Resumindo os resultados já obtidos, podemos dar como as diferenças sorológicas entre as três grandes divisões raciais da humanidade: Ameríndios e outros mongolóides: ausência de tipos A₁ e Rh negativo; alta incidência de R₁ e apreciável de R₂. Negróides: altas percentagens de A₂ e R₀; baixa proporção de R₁. Brancos: frequências intermediárias de A₂ e R₁; baixo valor de R₀; ausência de R_z; elevada incidência de Rh negativo.

Subdividem-se os mongolóides, segundo a incidência de M e N, em três grupos. O primeiro, asiático (elevada incidência de N), tem grande valor para R₁ e pequeno para R₂. Os valores de R₁ decrescem e os de R₂ aumentam quando se passa para o segundo, dos australianos e insulíndios, e para o terceiro, dos ameríndios e esquimós, decrescendo também os valores de N e aumentando os de M. (Vê-se que os autores dão extraordinária amplitude ao conjunto das raças mongolóides.) Os índios brasileiros e alguns norte-americanos têm os mais altos valores de R₂ até o presente descritos e R₁ relativamente baixos. Nos Caiuá e Bororo, separados uns dos outros

por muitos quilômetros de distância, a distribuição de R_1 e R_2 encontrada foi idêntica, de onde supõem os autores que esses valores são representativos também para outras tribos brasileiras e paraguaias.

Célia Pinto de Almeida

EGON SCHADEN (diretor): *Staden-Jahrbuch, Beiträge zur Brasilkunde*. 160 págs. e 11 pranchas. Publicação do Instituto Hans Staden. São Paulo, 1953.

É um anuário dedicado exclusivamente a assuntos brasileiros, mas redigido em alemão e destinado, por conseguinte, a estrangeiros que procurem conhecer o Brasil.

Em virtude da divisão tradicional das disciplinas científicas, os conhecimentos relativos ao Brasil se enquadram numa série de especialidades diversas, em vez de constituírem o domínio duma ciência unificada que tivesse como objeto geral o estudo da terra e da gente brasileiras. E não se pode, por enquanto, cogitar da elaboração dum método inclusivo que torne legítima qualquer tentativa de proceder a essa unificação. Os conhecimentos sobre os homens e as coisas do Brasil encontram-se esparsos nas obras descritivas de viajantes e exploradores e numa infinidade de contribuições científicas relativas a objetos especiais ou questões particulares. Não se procurou ainda, a não ser imperfeitamente, corresponder à exigência do espírito insatisfeito à procura duma visão de conjunto sobre base científica e com recurso a princípios explicativos conjugados.

O "Staden-Jahrbuch" não se apresenta com a pretensão de resolver desde logo essas dificuldades. Na situação atual, é mais fecunda a atitude de evitá-las conscientemente. No anuário colaboram especialistas dos mais diversos domínios de investigação, descrevendo, esclarecendo e interpretando fenômenos característicos da realidade brasileira, sem que necessariamente todos eles lhe sejam peculiares em sentido absoluto. E em vez de se proporem quaisquer sínteses prematuras, procura-se familiarizar o leitor com temas concretos e particulares, dando-lhe, assim, ensejo de acompanhar, ele próprio, a marcha e o ritmo das pesquisas.

O volume contém os seguintes trabalhos: João Cruz Costa: Sobre a história das idéias no Brasil. - Antônio Cândido: A literatura como expressão da cultura no Brasil contemporâneo. - Fritz Ackermann: Vicente de Carvalho. - Georg Hoeltje: Um desenho de índio. - Gunther Neufeldt: O desenvolvimento moderno de São Paulo. - José Francisco de Camargo: Crescimento de população e desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo. - Mafalda P. Zemella: O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII. - Roger Bastide: A aculturação do negro brasileiro. - Florestan Fernandes: O preconceito de cor no Brasil e sua repressão legal. - P. Guilhaume Saake, S. V. D.: A mandioca venenosa na economia dos índios brasileiros. - Egon Schaden: O estudo do índio brasileiro no passado e no presente.

A organização do anuário presidiu notável senso de realidade. Procurando a colaboração de figuras de relêvo nas diferentes disciplinas, o diretor consegue bem dar uma idéia do nível alcançado pelos estudos dessa natureza. Cientistas em sua grande maioria brasileiros e alemães conjugaram esforços para apresentar ao leitor de língua alemã uns tantos aspectos deste país, que em tôdas as partes do mundo vem despertando interesse cada vez maior.

Se em edições seguidas o anuário mantiver a qualidade alcançada neste primeiro volume, é de supor-se que, além das contribuições concretas, haverá resultados positivos também no tocante ao método e à teoria, e que no decorrer dos anos resulte uma ciência que, englobando a antropologia, a geografia e outras disciplinas na medida em que se referem ao Brasil, venha a ter significação internacional na esfera do saber como da política cultural.

Invulgar espírito de clarividência animou a diretoria do Instituto Hans Staden, de São Paulo, que não mediu sacrifícios para incluir o anuário na série de suas publicações, concretizando idéia de indubitável alcance para a compreensão interétnica.

E. A. von Buggenhagen